

AS ESPADAS-DE-OGUM QUE SONHAM ONÇAS-FANTASMA: OU *HABITABILIDADES DE RESPOSTA, ENRAIZAMENTOS CONCEITUAIS*

Rafael Ribeiro VISCONTI¹
Rodrigo Quintella MESSINA²

RESUMO: Com o intuito de responder aos constrangimentos socioambientais (im)postos pelo Antropoceno e por meio das “artes de atentividade” dos estudos multiespécies, procuramos desacelerar diante da ruína da antiga ponte do Jaguaré que transpõe o rio Pinheiros, na cidade de São Paulo. A partir dessa hesitação, tomamos emprestado dois conceitos: o primeiro, trabalhado por Donna Haraway, que se refere às habilidades de resposta (*response-ability*) e o segundo, trabalhado pela antropóloga Anna Tsing, que se refere às habitabilidades (*liveability*). Propusemos emaranhá-los e rearranjá-los de maneira a produzir um terceiro conceito: as habitabilidades de resposta (*respons-live-ability*), isto é, a capacidade das habitabilidades cultivarem respostas possíveis às questões emergentes no tempo das catástrofes. A hipótese é de que as ressurgências das ruínas da antiga ponte do Jaguaré guardem e cultivem respostas, através das habitabilidades multiespécies, para os vestígios de infraestruturas industriais postas pelas exigências produtivas da cidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno; ruínas; multiespécies; domesticação; intervenção.

*THE SWORDS OF OGUM THAT DREAM PHANTOM JAGUARS:
OR RESPONS-LIVE-ABILITY, CONCEPTUAL ROOTS*

ABSTRACT: *In order to respond to the socio-environmental constraints (im)posed by the Anthropocene and through the “arts of attentiveness” of multispecies studies, we seek to slow*

¹ Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo – SP – Brasil. Mestrando em Culturas e Identidades Brasileiras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2439-3702>. rafaelribeirov@usp.br.

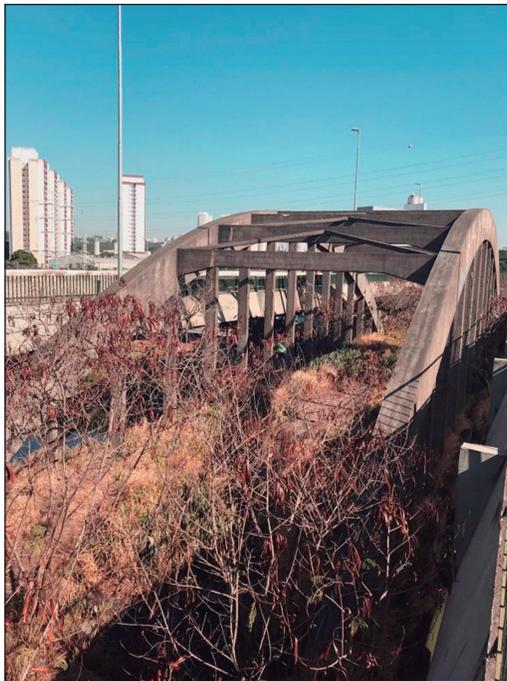
² Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo – SP – Brasil. Mestrando em Culturas e Identidades Brasileiras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9424-8231>. roqmessina@usp.br.

*As espadas-de-ogum que sonham onças-fantasma: ou
habitabilidades de resposta, enraizamentos conceituais*

down before the ruin of the old Jaguaré bridge that crosses the Pinheiros River, in the city of São Paulo. From this hesitation, we borrowed two concepts: the first, worked by Donna Haraway, which refers to responsiveness skills (response-ability) and the second, worked by anthropologist Anna Tsing, which refers to liveability. We proposed to tangle them and rearrange them in order to produce a third concept: the response-live-ability, that is, the capacity of the habitability to cultivate possible responses to emerging issues in the time of catastrophes. The hypothesis is that the resurgence of the ruins of the old Jaguaré bridge guard and cultivate responses, through multispecies habitability, to the vestiges of industrial infrastructure posed by the productive demands of the city of São Paulo.

KEYWORDS: *Anthropocene; ruins; multispecies; domestication; intervention.*

Figura 1 – Antiga Ponte do Jaguaré



Fonte: Foto realizada pelos autores.

Introdução

Antes diríamos que se trata de uma ponte abandonada, porém seria uma maneira de enfatizar, desde já, uma abordagem antropocêntrica que procuramos desvencilhar. Como se, à medida em que não há um cuidado ou uso humano, as coisas adquirissem caráter de abandono. Não parece ser esse o caso, a partir do momento em que consideramos que aquilo que chamamos de ruínas é tomado por outras habitabilidades não-humanas que, à sua maneira, fazem vingar determinado artefato construído pelo fazer humano.

Não é difícil encontrar ruínas nas cidades, isso porque mesmo uma construção nova pode nascer em ruínas. Mas o que talvez seja difícil de encontrar nas cidades são instantes para prestar atenção, pois estamos quase sempre no fluxo da urbis que não pode parar, desacelerar, hesitar. Ali, sobre a ponte podada, amputada, que antes atravessava o rio contaminado, e sobre a qual coabitam roedores, insetos e espécies de plantas exóticas como leucenas (*Leucaena leucocephala*), espadas-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata*) e o capim-gordura (*Melinis minutiflora*), presenciamos a paisagem multiespécies, ativa, vigorosa, ressurgindo-com e respondendo à perturbação humana. É um novo ecossistema que surge em resposta às diversas camadas de alteração da paisagem que acompanha nossa espécie: de um rio que foi retificado, da ponte decepada que já não serve mais, de espécies de plantas que acompanham a ocupação e colonização humana ao redor do planeta, de um “nós” que cada vez mais precisa incluir o não-humano, ou melhor, os não-humanos. Essa sempre foi uma história de coevolução, coabitação, codependência. E está aí seu monumento, em meio a uma das maiores manchas urbanas do mundo.

A partir dessa hesitação, tomamos emprestado dois conceitos: o primeiro, trabalhado por Donna Haraway (2016), refere-se às habilidades de resposta (*response-ability*) e o segundo, trabalhado pela antropóloga Anna Tsing (2019), refere-se às habitabilidades (*liveability*). Propusemos emaranhá-los e rearranjá-los de maneira a produzir um terceiro conceito: as habitabilidades de resposta (*respons-live-ability*), isto é, a capacidade das habitabilidades cultivarem respostas possíveis às questões emergentes no tempo das catástrofes. A hipótese é de que as ressurgências das ruínas da antiga ponte do Jaguaré guardem e cultivem respostas, através das habitabilidades multiespécies, para os vestígios de infraestruturas industriais postas pelas exigências produtivas da cidade de São Paulo.

Se é assim, através de uma intervenção artístico-arquitetônica nas ruínas da antiga ponte do Jaguaré que transpõe o rio Pinheiros, propomos ressurgir-com essas outras habitabilidades para, quem sabe, potencializar aquela ressurgência

multiespécies e cultivar uma resposta possível aos constrangimentos socioambientais postos pelo Antropoceno. Através de montagens digitais que entremeiam o texto, ilustramos o que propomos por meio dessa ação. Sobre a ponte, criaríamos dezenas de pilhas de cal. Com a chuva, essas pilhas escorrem em caminhos brancos, e daí, atingem a terra, adubando-a, desaparecendo e impulsionando o verde.

Para além de descrever as plantas, insetos, peixes, roedores, o concreto, o rio contaminado, a cal a ser introduzida, como podemos pensar as relações que ressurgem entres esses seres que agora habitam esse pedaço de ponte? Essa é a pergunta que nos orienta, e é com ela que retornamos à ponte para observar, e quem sabe, intervir.

Nesse momento, partiremos de um mergulho nas provocações de Anna Tsing para pensar processos de domesticação, em especial o conceito de *cultivo não-intencional* proposto pela autora (TSING, 2018) e que parece descrever bem as relações que encontramos na antiga ponte. Será importante questionar o próprio conceito de *domesticação* na antropologia social, acompanhando a revisão de Carlos Sautchuk (2018). A partir daí, com Van Dooren (2012), vamos poder refletir sobre a evolução e/ou domesticação de cada uma das espécies de plantas encontradas sobre a ponte, algumas consideradas daninhas e introduzidas sem intenção, outras consideradas úteis pelo ser humano em algum momento e trazidas para o Brasil como alimento, ou por seu uso religioso e ornamental.

E, por mais que venhamos observando de perto as mudanças da vegetação sobre a ponte ao longo das estações do ano, é incerto se já conseguimos ouvir esses seres que ali habitam e fazem mundo. Com Gagliano e Grimonprez (2015), vamos poder tentar decodificar a linguagem dessas plantas, e, com nossa intervenção, buscar um diálogo multiespécies.

Então, buscando respirar em meio ao fluxo de veículos e conceitos desestabilizantes, partimos para esse (re)mergulho arriscado, refletindo sobre nossos modos de intervir no mundo.

Artes da Atentividade

Há momentos em que nossos olhos parecem querer ver à nossa revelia. Raras vezes nos damos conta dessa autonomia da visão, mas se pararmos para pensar naquele instante não intencional, ele pode ser um convite para prestarmos a atenção em alguma coisa. É o caso do fragmento da antiga ponte do Jaguaré na marginal do rio Pinheiros, na cidade de São Paulo.

Segundo o químico brasileiro Ralph Mennucci Giesbrecht (2011), sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, essa ponte, hoje decepada, foi construída em 1938 durante as obras de retificação do rio Pinheiros, entre as décadas de 1930 e 1950. O objetivo era fazer ligações estratégicas entre as malhas viárias, facilitando a mobilidade entre a periferia industrial e o centro residencial e de serviços. No caso da ponte em questão, sua localização procurava uma ligação com o então construído Complexo Industrial Jaguaré que pretendia ser - como a maioria dos parques industriais - “o mais moderno e completo do País”. Esse complexo funcionou durante décadas como um polo de produção de óleos refinados, a ponto de em 1972 demandar a construção de duas novas pontes sobre o rio Pinheiros para atender a demanda de transporte para a região, levando à destruição parcial da antiga ponte do Jaguaré, agora fragmentada e sem uso viário.

Propomos neste trabalho fazer esse exercício de desaceleração de maneira a prestar atenção nesse fragmento da antiga ponte do Jaguaré, agora em ruínas. A arte de prestar atenção ou a “arte de atentividade”, proposta por Thom van Dooren, Eben Kirksey e Ursula Münster (2016), em um artigo chamado *Estudos Multiespécies: cultivando artes de atentividade*, tem sido recorrida por várias disciplinas como possível metodologia para se levar a sério a agência de não-humanos no processo de composição das chamadas “paisagens multiespécies”. Num primeiro momento, pode-se imaginar que o ato de prestar atenção se trataria de uma simples observação estável em que há um sujeito (aquele que olha) e um objeto (aquele que é olhado) e, a partir dessa relação distante e separada, aquele sujeito poderia tomar nota e descrever pacificamente aquilo que é olhado. No entanto, para a arte de atentividade, ocorre o contrário, o sujeito e o objeto se dissolvem entre si, de modo que ambos, sem deixarem de manter suas diferenças, passam a agir um com o outro de maneira instável, imprevisível e implicada.

Em seu artigo em contribuição para os estudos multiespécies, esses autores pensam essa arte da seguinte maneira:

Essa atentividade é uma proposição de duas partes: uma prática de conhecer o outro em sua particularidade íntima e, ao mesmo tempo, uma prática de aprender como se poderia melhor responder ao outro, como se poderia trabalhar para cultivar mundos de florescimento mútuo. Em suma, as artes da atentividade nos recordam que o conhecimento e a vida estão profundamente enredados; que prestar atenção pode e deve ser a base para elaborar melhores possibilidades de vida compartilhada (VAN DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER, 2016, p. 52).

Nesse trabalho, após hesitar diante de uma ruína, procuramos exercitar tal atentividade de modo a conhecer a particularidade íntima das outras formas de vida que habitam esse fragmento da antiga ponte do Jaguaré, bem como aprender a melhor respondê-los. Dessa maneira, por meio de nossas pesquisas e práticas artístico-arquitetônicas, propomos uma reflexão de como poderíamos trabalhar para “cultivar mundos de florescimento mútuo”.

Habitabilidades de respostas

Como bem elucidou a filósofa da ciência Isabelle Stengers (2015), quando se refere aos constrangimentos socioambientais pelos quais estamos passando, como as emergências climáticas e o aumento da segregação e desigualdade social, vivemos no “Tempo das Catástrofes” (STENGERS, 2015). E não se trata de uma crise, pois ela não é transitória como se um dia fosse passar, mas sim, como complementa outro filósofo da ciência, Bruno Latour, trata-se de “uma mutação ecológica duradoura e irreversível” (LATOURE, 2020, p.1). Tais mudanças já não podem ser vistas como resultado de um movimento “natural” do Planeta Terra mas, pelo contrário, são mudanças de origem antrópica que fazem da espécie humana não apenas um “agente biológico”, mas uma “força geológica” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014). Tal característica da espécie humana enquanto agente transformador é própria da nova época geológica conhecida como Antropoceno (CHAKRABARTY, 2013). Quando um modo hegemônico de habitar o planeta é capaz de ameaçar ou não criar condições que permitam diferentes modos de existência, humana e não-humana, ele precisa ser questionado. E quando dizemos que procuramos “cultivar mundos de florescimento mútuo”, estamos procurando responder a esse modo hegemônico através de habitabilidades que elaborem outras “possibilidades de vida compartilhada” (VAN DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER, 2016, p.47). Então, como responder a esses constrangimentos socioambientais com outras habitabilidades possíveis?

Já que procuramos encontrar maneiras de exercitar habitabilidades que respondem aos constrangimentos socioambientais, nos parece oportuno tecer dois conceitos. O primeiro é o termo “response-ability”, trabalhado pela bióloga, pensadora e escritora americana Donna Haraway (2016); e o segundo é o termo “habitabilidade” (*liveability*) trabalhado pela antropóloga Anna Tsing (2019). A noção de “response-ability” pode ser encontrada em uma série de autoras feministas como Karen Barad (2007), Vinciane Despret (2016) e Donna Haraway (2016), cada qual à sua maneira, porém tecendo relações entre si. O termo é uma

espécie de neologismo que parte da palavra *responsibility*, responsabilidade no inglês, mas a fragmenta em *response-ability*, ou seja, a habilidade ou capacidade de responder. Mas, como explica Haraway (2015, p. 232) em entrevista para Martha Kenney, não se trata da habilidade de responder a “algum tipo de exigência feita a você pelo mundo, por um sistema ético ou por um compromisso político. *Response-ability* não é algo para o qual se responde, como se já estivesse lá”. Ao contrário, “é o cultivo da habilidade de resposta no contexto de viver e morrer em mundos possíveis, com os outros.” Trata-se, portanto, de “cultivar” uma habilidade de responder coletivamente, de fazer-com (*making with*). Não se trata de resolver um problema, como por exemplo pretendem os “responsáveis”, mas, ao contrário, trata-se de “ficar com o problema” e, por isso, cultivar constantemente “aquilo que ainda não é, mas pode ser” (HARAWAY, 2015), ou seja, cultivar os mundos possíveis. Em suma, trata-se de co-compor mundos possíveis.

Essa co-composição de mundos possíveis é baseada no que os pesquisadores Vivienne Bozalek e Michalinos Zembylas (2017) chamaram de “ontologia relacional”. Segundo eles, em artigo para a Universidade da África do Sul:

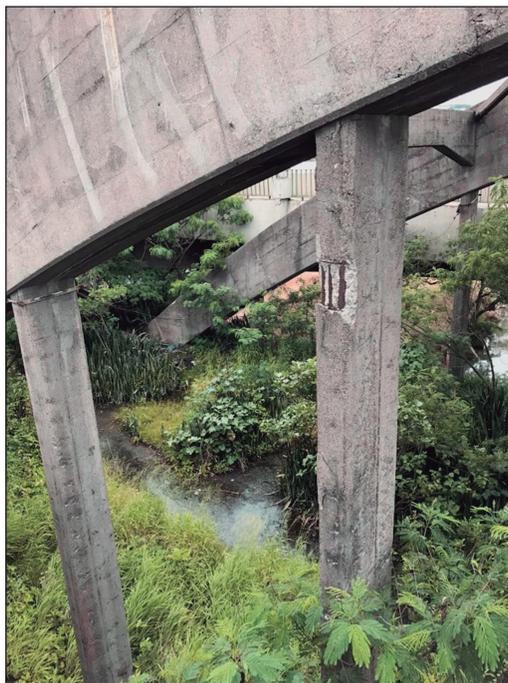
A habilidade de responder não é vista apenas como de exclusividade humana, mas também como uma habilidade relacional pela qual os humanos e mais-que-humanos são co-constituídos através de relações comuns. Uma ontologia relacional, na qual a *response-ability* é baseada, sustenta que entidades ou indivíduos não pré-existem suas relações - eles surgem e são tornados hábeis por meio de relacionamentos multidirecionais (BOZALEK; ZEMBYLAS, 2017, p. 64).

Essas relações multidirecionais são próprias das “paisagens multiespécies” estudadas pela antropóloga americana Anna Tsing. Segundo a qual “é preciso o reconhecimento de que os seres humanos são incapazes de sobreviver sem outras espécies. Somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas” (TSING, 2019, p. 94). Essas “teias ecológicas” são justamente as paisagens multiespécies das quais fazemos parte, seja rompendo ou tecendo relações. As paisagens, portanto, não são um pano de fundo onde acontecem as ações humanas. Pelo contrário, segundo Tsing, elas são “práticas espacializadas de habitabilidade” e, mais especificamente, “habitabilidades multiespécies”, constituída de um emaranhado de relações, assembleias multiespecíficas. Mas o Antropoceno assinala “novos terrores”, justamente, na “falta de habitabilidades”. Por isso, se nos preocupamos com a habitabilidade, segundo a autora, temos que descobrir “como tornar as paisagens animadas, protagonistas de nossas histórias” (TSING, 2019, p.94).

Poderíamos dizer, portanto, que a noção de “habitabilidade” se refere às condições necessárias para que os diferentes modos de vida, na/da/com a terra, sejam possíveis. E se o Antropoceno chama atenção, justamente, para os constrangimentos socioambientais que suprem essas condições, é preciso “levar a sério as questões de habitabilidade” (TSING, 2019, p.204). Com isso, partindo do exercício de Haraway que fragmenta uma palavra (*responsibility*) e acopla outra (*ability*) a fim de gerar efeitos que possam contribuir para uma determinada reflexão, propomos fragmentar os termos *response-ability* e *habitabilidade* de modo a fabricarmos um possível terceiro termo *response-live-ability*, de maneira a podermos pensar junto acerca das habitabilidades que respondem aos constrangimentos socioambientais postos no Antropoceno. *Response-live-ability* seria, portanto, a possível capacidade das habitabilidades responderem às questões emergentes no Antropoceno.

As espada-de-ogum que sonham onças-fantasmas

Figura 2 – Plantas sobre a ponte



Fonte: Foto realizada pelos autores.

Tomaremos as ruínas da antiga ponte do Jaguaré como um possível exemplo. Esse resto da antiga ponte do Jaguaré foi deixada de pé, ignorada entre as duas novas pontes construídas. Os poucos pedestres que se arriscam a atravessar as novas pontes poderão observar, se atentos, essa vigorosa plataforma multiespécies que ali ressurgiu. O tamanho das árvores parece improvável. Como, se parece haver ali apenas uma fina camada de terra? E as demais plantas, como teriam chegado ali em cima? Um jardim cultivado não-intencionalmente, especularemos como.

Não podemos deixar de atentar para o nome da ponte: Jaguaré. Como muitas outras localidades da cidade de São Paulo, e do Brasil, os nomes indígenas testemunham um passado que as cidades insistem em negar, esconder ou mesmo apagar. Mas os nomes e os próprios indígenas que habitam as cidades re-existem, insistem e persistem em outras habitabilidades que coexistem e ressurgem no espaço urbano. De origem tupi-guarani, o termo *jaguaré*, que designava um ribeirão que cruzava a região, pode significar “o lugar onde existem onças”, remetendo, portanto, aos felinos que habitavam esse território. Onde estão essas onças ou mesmo esse ribeirão? Relações podadas, assim como a ponte. Mas elas ressurgem, como fantasmas.

Sob a ponte, o rio lodoso segue seu caminho lentamente, com seus microrganismos, alguns poucos peixes e roedores e as diversas espécies de plantas ruderais, resistentes. Um rio em ruínas, à qual a cidade deu as costas. Mas também um rio cheio de vida. Das formas de vida que proliferam e regozijam-se nos destroços humanos. E são mesmo essas as novas paisagens do globo.

Sobre a ponte, o jardim improvável de leucenas (*Leucaena leucocephala*), espadas-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata*) e capim-gordura (*Melinis minutiflora*), que interagem entre si e com o concreto que ganha agência como extensão do humano. O capim-gordura (*Melinis minutiflora*) pode ter sido o primeiro a chegar por ali, por ter suas sementes carregadas pelo vento. As anemocóricas, as plantas cujas sementes se dispersam (ou são dispersadas) pela força dos ventos são as mais comumente encontradas em ambientes como esse, como várias espécies de capins e plantas ruderais como o dente-de-leão, que voam e colonizam áreas inacessíveis para as plantas que caminham, ou navegam. A partir do estabelecimento do capim-gordura, que cresce rápido e tem um ciclo de vida curto, é possível que matéria orgânica tenha começado a se acumular sobre a ponte, iniciando o processo de criação de solo essencial para a formação desse verdejante jardim suspenso. Originalmente trazido das estepes africanas, espalhou-se rapidamente nos biomas brasileiros. Foi muito utilizado como forrageira em pastagens no Brasil até meados da década de 1970, tanto na pecuária de corte,

quanto na leiteira. É adaptado a baixa fertilidade do solo, resistente a pragas e bastante agressivo, considerado invasor em muitos ecossistemas brasileiros. Em São Paulo, habita terrenos baldios e ruínas vivas como essa.

É possível, então, que o capim-gordura tenha cultivado as leucenas, criando as condições para sua germinação. As leucenas, árvores nativas da América Central, chegaram ao Brasil como plantas de crescimento rápido para alimentação de gado e logo multiplicaram-se pelos biomas locais, chegando a atingir até 3 metros de altura no primeiro ano. Na década de 1970, quando foi introduzida no Brasil através da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) como uma grande promessa no campo, toneladas de suas sementes foram enviadas Brasil afora juntamente com a edição comemorativa dos dez anos da Revista Globo Rural (DRUMOND *et al.*, 2010). Poderosa agência dessa planta, conseguindo introduzir-se em meios de logística pouco usuais para espécies vegetais.

Suas flores são como pompons brancos, que logo se transformam em vagens cheias de sementes. Por serem resistentes à seca e por produzirem milhares de sementes a cada ano em formato de pequenos discos marrons, rapidamente espalham-se e dominam os espaços onde vivem. Trazidas para serem cultivadas como forragem, feralizaram-se, escaparam de seus desígnios e hoje podem ser vistas em locais muito distantes de onde eram desejadas pelos humanos. Aqui evitaremos os termos *invasora*, *daninha*, *praga*, muitas vezes associados à essa espécie: são termos acusatórios, discriminatórios, embora de certa forma também destaquem sua desobediência, sua insistência e resiliência que se opõem aos esforços humanos de extirpá-las. Mas são plantas como as outras, são seres como os outros. E ali, nesse pedaço de ponte, dominam. Crescem vigorosas sobre uma nesga de terra, germinam em cada fresta no concreto. É quase impossível entender onde se escondem suas raízes e de que se alimentam para alcançar assim tantos metros de altura. E suas copas, vivas, verdes, as vemos por cima. Estão lá embaixo, suas copas, seus troncos e suas raízes, por crescerem sobre um resto de ponte que é mais baixo que as pontes vizinhas que as ladeiam e por onde caminhamos. Não é assim tão comum observar uma árvore por cima. Parte da reverência humana às árvores se dá em função de sua escala, por serem algumas vezes maiores que o corpo humano. Então, essa visada, por cima, torna esse jardim da perturbação ainda mais interessante, mais estranho.

Paradoxalmente, é também uma planta melhoradora de solos e recuperadora de áreas degradadas. Como todas leguminosas, as raízes da espécie associam-se simbioticamente com bactérias do gênero *Rhizobium*, que fixam nitrogênio no solo e também com fungos do gênero *Mycorrhizae*, que viabilizam a utilização do fósforo não disponível para a maioria das outras plantas (DRUMOND *et al.*,

2010). Se chegaram ali através de um leitor da Revista Globo Rural não sabemos, mas podemos dizer que as leucenas têm ali um papel de planta pioneira criadora-de-mundos: nitrogênio e fósforo são os principais minerais necessários para o desenvolvimento vegetal.

Seu papel de fixadora de nutrientes no solo provavelmente está criando condições de desenvolvimento para outras espécies vegetais que ali habitam, como suas também improváveis vizinhas: as espadas-de-são-jorge. Como subiram ali, e se proliferaram? Em geral, multiplicam-se por estacas, indício de que teriam chegado ali por mãos humanas: mãos humanas que de longe foram trazidas. Mas chamá-las espada-de-são-jorge denuncia nossa origem cristã, pois essa espécie navegou, cruzando o Atlântico com os escravizados trazidos da África, que a cultivam em função de seus poderes místicos. Aqui, em terras católicas, forçosamente foi rebatizada com o nome de um santo tolerado pelo colonizador e sua fé dominante. A espada-de-são-jorge era, e ainda é, chamada de espada-de-ogum nas religiões afro-brasileiras. É uma planta que traz proteção, utilizada em muitos rituais do candomblé, por exemplo. Sobre esse nasgo de ponte onde caminhavam as onças, tendo trilhado esse longo caminho entre continentes, com que sonharão essas espadas-de-ogum?

São elas plantas resistentes, como as leucenas, mas que apresentam menor resistência a solos áridos. E ali coabitam, coexistem. Estranho vê-las juntas. É o cruzamento das histórias humanas e vegetais, do cultivo humano de plantas que servem a propósitos distintos: plantas que alimentam o corpo, plantas que alimentam a alma. Ambas consideradas como possíveis pragas se deixadas sem manejo, e difíceis de controlar. Sincretismo vegetal.

E toda essa paisagem cultivada sobre uma estrutura de concreto aparente, sujeita aos processos que degradam sua estrutura. Diversos fatores, aos poucos, vão corroendo essa sólida base: chuvas ácidas, crescimentos de fungos, temperatura, concentração de CO₂ na atmosfera e as sementes que encontram caminho em sua porosidade para germinar e empurrar suas paredes. Estranhamente, ali, o construído, e não o natural, parece constituir o pano de fundo para uma história de vidas que se entrelaçam. Quem sabe se para as plantas, a ponte é natureza, e suas ações e cocriações, cultura?

Escapando à domesticação

Anna Tsing, em seu artigo “*Nine provocations for the study of domestication*”, publicado em 2018 no livro *Domestication gone wild: politics and practices of multispecies relations*, aponta como o termo *domesticação* explica apenas

uma pequena parte das relações multiespécies. Mas por que então o termo vem sendo usado tão amplamente de forma a abarcar quase todas as relações entre humanos e não-humanos? Aqui, acompanhando Tsing, vamos começar pensando a domesticação como a relação marcada pelo controle humano sobre outras espécies, ainda que não-intencional, de forma que esses organismos vão sendo alterados para servir aos interesses humanos. E, assim, Anna Tsing enfatiza como não podemos deixar de pensar as relações de domesticação como uma das ferramentas do *progresso*. Não que os primeiros processos de domesticação tenham surgido em função da expansão da *civilização*, mas que o estado e a colonização se apropriaram desses processos para apoiar seu avanço, deixando na sombra outras relações interespecíficas não tão marcadas por essas hierarquização e controle.

E Anna Tsing (2018) segue, em seu texto publicado ao final desse livro, que busca desestabilizar os conceitos de domesticação, espalhando suas sementes-pensamento na esperança de que encontrem terreno fértil para germinar. Ela descreve relações entre humanos e animais muito mais amenas que as que hoje patrocinamos em escala industrial, lembrando seus tempos de pesquisa etnográfica na Indonésia nos anos 1980-90. Ali, por exemplo, os nativos das Montanhas Meratus constroem pequenos ninhos sobre bambus para que aves similares às nossas atuais galinhas choquem seus ovos. Depois de nascidos, os pintinhos são alimentados pelos humanos até que consigam encontrar seu próprio alimento na floresta que os rodeia. Em geral as aves voltam toda noite para dormir nos ninhos construídos ao redor das casas dos nativos, até que estejam grandes o suficiente para serem comidas por seus semi-criadores humanos.

Seria essa uma relação de domesticação? Anna Tsing acredita que não, uma vez que essas são relações marginais, relações que não se espalharam pelo mundo, alterando sua história através do avanço do Estado, da civilização e do progresso. Então, para Anna Tsing, as relações de domesticação explicam apenas uma parte específica das relações entre humanos, plantas e animais, especialmente aquelas ligadas à política econômica global: pensemos em cavalos, porcos, galinhas, vacas, cana-de-açúcar, trigo, eucaliptos, capim-braquiária, e outras espécies que o impulso colonial foi acoplando como suas armas. São essas relações que Anna Tsing pensa como de domesticação, um conceito bastante limitado que se aplicaria a pouquíssimas espécies, àquelas que foi possível transformar em unidades iguais, mercadorias, para ganhar a escala que essas *plantations* monoculturais exigiam. É a domesticação como a industrialização dessas espécies, já que a diversidade atrapalha o impulso do capital e da mecanização do agronegócio.

E as demais formas de relações entre humanos e não-humanos, como pensá-las? Anna Tsing mostra esperança nas relações de *cultivo não-intencional*, buscando cunhar um termo que defina relações interespecíficas sem que uma espécie controle a outra. Relações mútuas de cultivo: eu cultivo você, você me cultiva. Sua pesquisa com os *satoyama* e *matsutakes* no Japão ilustram bem seu raciocínio. Diversos grupos de voluntários no interior do Japão trabalham para regenerar os *satoyama*, paisagens do Japão rural que incluem os bosques manejados, campos de arroz e seus jardins, apreciados por sua beleza. Esses grupos defendem que as pessoas não se limitem a admirar a natureza à distância, mas que se dediquem a trabalhos úteis, que intervenham para produzir boas relações com o meio ambiente. As ações desses grupos, manejando essas paisagens abandonadas para restaurar os *satoyama*, beneficiam os *matsutake*, cogumelos que surgem nesses bosques e que são bastante apreciados como iguarias pelos japoneses. Os voluntários não têm a intenção de *produzir matsutake*, mas seu trabalho acaba criando condições para que essas formas de vida floresçam, daí seu cultivo não-intencional.

Voltando à nossa ponte, será que podemos pensar esse jardim de leucenas, capins e espadas-de-são-jorge como cultivos não-intencionais? Parece-nos que sim. Depois de utilizarem seus veículos-humanos e não-humanos para viajarem pelo mundo, essas espécies encontraram maneiras de conviver com as pessoas e seu rastro de destruição, assim como o fazem as bactérias, fungos, plantas e animais que resistem no Rio Pinheiros, mais abaixo. É o que Anna Tsing busca pensar com o novo termo “domesticação-come-regeneração” (*domestication-as-rewilding*), que ela propõe que tornemos uma revolução, a Revolução de Acomodação das Relações Multiespécies (*Cospecies Accommodation Revolution*), que ajudaria a mitigar o rastro das ruínas capitalistas.

Mas então, como escolher o que cultivar? Se, ao existirmos, estamos sempre cocriando mundos, estamos sempre cultivando algo, intencionalmente ou não. Nossas ações, ao prejudicarem uma espécie, criam espaços para outras. Nesse rastro destrutivo do capitalismo industrial, no qual nos inserimos e fazemos parte, proliferam os cultivos não intencionais das espécies companheiras que aprenderam a viver nas ruínas.

Otimista ou não, Anna Tsing aponta uma direção, arriscada, que desejamos seguir com nossas pilhas de cal.

Como responder a um punhado de pólen?

Figura 3 – Simulação da intervenção



Fonte: Fotomontagem realizada pelos autores.

Gagliano e Grimonprez (2015) propõem uma abertura nas formas como reconhecemos a linguagem, afastando-nos de pensar a comunicação como uma característica sobretudo humana, de forma que possamos tentar ouvir os vegetais. Mas as plantas falam? Talvez formular a pergunta dessa maneira nos tenha trazido à atual *surdez* vegetal da sociedade industrial-ocidental. Falar, essa sim talvez a forma mais humana de linguagem, não é a forma preferida das plantas para se comunicar. Ainda que nós falemos com as plantas, e elas *escutem* (JOÃO, 2020), suas respostas parecem vir de outras maneiras.

O que seria uma tentativa não-antropocêntrica de escutar as plantas? Ou, no nosso caso em questão, da ponte sobre o Rio Pinheiros, de escutar *essas* plantas?

Gagliano e Grimonprez (2015) partem da definição de linguagem como uma “atividade criadora de sentidos” (*meaning-making activity*) para nos ajudar a aguçar nossos sentidos e tentar superar nossa surdez. Dessa forma, poderíamos

buscar uma comunicação muito mais ampla que a verbal com outros seres, quem sabe ouvindo através de gestos, aromas, formas, declarações químicas e cores gritantes. Os insetos certamente entendem bem essa comunicação, usada pelas plantas para repelir ou atrair essas espécies. Talvez o caminho seja aprender com as abelhas...?

Ana Mumbuca (2020, p. 12) nos ensina: “Dentre os insetos, somos abelhas Tataíra, Abreu, Arapuá, Mumbuca, entre outras. Somos fazedoras de mel, somos polinizadoras do planeta e nosso jeito de existir faz nascer frutos que alimentam as vidas”. E com Primavesi (2016), em seus contos agroecológicos escritos em linguagem não-acadêmica, podemos buscar compreender os diálogos entre flores e abelhas:

Já de longe sentiram um perfume quase anestesiante, e logo enxergaram um mar de flores brancas, o laranjal para que foram dirigidas. Zumbi se sentiu algo atordoada. Pousou numa flor, que parecia de cera transparente e perguntou polidamente: – Por favor, me dá um pouco de seu néctar? A flor riu (PRIMAVESI, 2016, p. 23).

Em tempos pandêmicos, também é tempo de fazer alianças, segue Mumbuca (2020). E a aliança com as abelhas é certamente essencial para nossa sobrevivência. As abelhas poderiam talvez atuar como intérpretes-tradutoras, estreitando essa divisão entre as plantas e a cosmologia ocidental-industrial. Mas talvez não seja tentando ser abelhas ou ouvir as abelhas que vamos conseguir ouvir essas leucenas, capins e espadas-de-são-jorge. Não queremos aqui *decodificar* as plantas, mas sim *intuir-com* as plantas, e em São Paulo, infelizmente, as abelhas cada vez mais rareiam. Não se trata, ademais, de tentar ler objetivamente os códigos químicos exalados por essas plantas, buscando uma certa partitura emitida por cada espécie. O significado emerge da interação, depende também de quem ouve. A mensagem é, então, bilateral, sempre uma relação entre dois ou mais organismos (GAGLIANO; GRIMONPREZ, 2015).

Então o que ouvimos ao caminhar pela ponte podada? Em um olhar mais aproximado nesse verdejante jardim, notamos o amarelado nas folhas das espadas. Sinal de falta de nutrientes? Não surpreenderia, o solo da cidade de São Paulo tende a ser bastante ácido naturalmente, e sobre a ponte podemos supor que tenha se tornado ainda mais inóspito, contendo poucos dos minerais necessários ao ciclo de vida de uma planta. E sobre as espadas, os pompons brancos das leucenas, suas flores. Há pólen no ar. Parecem estar florindo meses antes da época prevista para sua espécie, indicando algum estresse, que leva a planta

a florir, frutificar e produzir sementes antes do tempo para tentar garantir sua continuidade através de seus descendentes. Ouvimos, intuímos. Então, como responder a um punhado de pólen?

É preciso vacilar, hesitar é importante. Ficar com o problema e intervir?

Tudo é intervenção

As relações animistas, indígenas, extra-modernas com o mundo não são necessariamente harmônicas e equilibradas. Como o discurso ecológico às vezes pressupõe. São relações arriscadas, complicadas, a predação e a vida na floresta não é nada fácil. E elas são baseadas na intervenção constante sobre o mundo. Só que a partir de uma ideia de intervenção drasticamente diferente da nossa. O entendimento dessas outras perspectivas nos complexifica, nos apresenta desafios para pensar os nossos modos de intervir no mundo. De fazer outro futuro e de pensar em outro futuro possível (CANÇADO; COSTA; SILVA, 2020).

Como intervir, para as práticas artístico-arquitetônicas, se tornou pergunta fundamental na medida em que nos damos conta de que boa parte de nossas intervenções contribuem para aquele modo hegemônico de habitar o planeta. Mas não se trata, no entanto, de deixar de intervir e salvaguardar as relações como se fossem relíquias intocáveis, peças de museus.

Ao longo dos últimos meses estivemos visitando e observando esse espaço, essa moldura de concreto amputado e seu jardim multiespécies e multi-histórias. E pesquisamos como poderíamos ali intervir, no contexto de nossos estudos ao redor das discussões do Antropoceno na Antropologia e a partir das nossas práticas artísticas e arquitetônicas. Desejávamos realizar uma intervenção sutil, entre tantas camadas de intervenções que já foram feitas ali, não só pelos humanos, mas por todas as espécies que coabitam e cocriam aquele espaço.

Como apoiar essa ressurgência multiespécies? Como ressurgir-com e se dissolver nas relações, assim como propõe aquela arte de atentividade? Nossa pesquisa nos levou à cal, esse pó branco de pedra calcária moída. Em si, a cal já provém de um acúmulo de vida, de camadas sobre camadas de microrganismos, como algas, fungos e bactérias, sedimentadas como rochas em ambientes marinhos. Esse pó é importante insumo utilizado na correção e adubação de solos para cultivo de plantas. E essa mesma cal é amplamente utilizada na construção civil, como principal composto do cimento e do concreto. É o pó que forma a

ponte e que adubará e fortalecerá as plantas que ali já estão. Rocha do acúmulo e indutora de vida. Ao invés de buscar reverter e “civilizar” o que se tornou aquele espaço, celebramos a contaminação, e desejamos acelerar e apoiar o processo de dominância das espécies chamadas daninhas, sagazes invasoras, estimulando a biodiversidade multiespécies. Se as plantas se comunicam com o não-verbal, damos uma resposta não-verbal, mantendo espaço para os imprevistos.

Sobre a ponte, criaríamos dezenas de pilhas de cal, cada uma com cerca de meio metro de altura, alvas, brancas, que, por um momento, dariam cor à ponte. Uma mancha, uma contaminação, mais uma. Com a chuva, essas pilhas escorreriam em caminhos brancos, e daí, atingiriam a terra, adubando-a, desaparecendo e impulsionando o verde. Uma intervenção simbólica e efêmera, que permanecerá apenas como imagens e, talvez, nos floemas e xilemas dessa paisagem do Antropoceno. Assim indicamos e celebramos essas vidas, invasoras, com as quais desejamos coabitar e coevoluir.

Aprender a viver no Antropoceno é saber ver ali não as ruínas indesejáveis, locais de abandono, mas perceber ali as relações de cooperação entre humanos e não-humanos que criam refúgios, paisagens novamente habitáveis. Ainda que sejam essas paisagens contaminadas pelo fazer humano, que, sem intenção, cooperam e colaboram com as espécies que frutificam em seus destroços. São esses os ecossistemas que verdejam nos rastros da indústria, da urbanização, do capitalismo. São as ressurgências urbanas. Não são cultivados, cultivam-se, feralizam-se, misturam-se. Alimentam-se dos destroços, dos solos ácidos e contaminados e misturados com o entulho que é o legado humano. O que propomos aqui é saber ver e celebrar ali a potência das ressurgências para então exercitar a prática de ressurgir-com elas.

Nada está definido, os caminhos ainda são capazes de se bifurcar e seguimos abertos para as instabilidades. Afinal, não podemos prever para onde a escuta, a ruína e as pilhas de cal irão nos levar, mas podemos tentar compor com elas e todos os outros agentes lá presentes. Seguimos em processo.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning**. Durham: Duke University Press, 2007.

BOZALEK, V.; ZEMBYLAS, M. Towards a response-able pedagogy across higher education institutions in post-apartheid South Africa: an ethico-political analysis. **Education as change**, Pretoria, v. 21, n. 2, p. 62-85, 2017. Disponível em: <http://>

www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1947-94172017000200005.
Acesso em: 10 mar. 2021.

CANÇADO, W.; COSTA, A.; SILVA, F. S. **Intrusão de Gaia e a Incompletude do Antropoceno [Conversas Cósmicas 2]**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (42 min). Publicado pelo canal Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wCP--pM43-Y&t=2437s&abchannel=Associa%C3%A7%C3%A3odePesquisasePr%C3%A1ticasemHumanidades>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CHAKRABARTY, D. O clima da história: quatro teses. **Sopro**, [S.l.], n. 91, p. 4-22, 2013. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2021.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?:** Ensaio sobre os medos e os fins. 2. ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014.

DESPRET, V. **What Would Animals Say if We Asked the Right Questions?.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

DRUMOND, M. A.; RIBASKI, J.; SÁ, I. B.; NASCIMENTO, C. E. de S.; OLIVEIRA, V. R. de. Espécies arbóreas exóticas de uso múltiplo para o Semiárido brasileiro. In: EMBRAPA. **Base de Dados da Pesquisa Agropecuária (BDPA)**. Brasília, 2010. p.245-274. Disponível em: www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/862023/especies-arboreas-exoticas-de-uso-multiplo-para-o-semiarido-brasileiro. Acesso em: 10 mar. 2021.

GAGLIANO, M.; GRIMONPREZ, M. Breaking the Silence-Language and the Making of Meaning in Plants. **Ecopsychology**, New Rochelle, NY, v. 7, n. 3, p. 145–151, 2015. Disponível em: www.liebertpub.com/doi/10.1089/eco.2015.0023. Acesso em: 10 mar. 2021.

GIESBRECHT, R. M. A ponte do Jaguaré e um pouco de sua história. **Blog do Ralph Giesbrecht**, São Paulo, 21 nov. 2011. Disponível em: <http://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2011/11/ponte-do-jaguare-e-um-pouco-de-sua.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. London: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Donna Haraway in conversation with Martha Kenney. In: DAVIS, H.; TURPIN, E. (ed.). **Art in the Anthropocene: encounters among aesthetics, politics, environments and**

epistemologies. London: Open Humanities Press, 2015. p.229-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374766/mod_resource/content/0/HARAWAY_interview_Anthropocene_capitalocene_chthulhucene.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.

JOÃO, I. As plantas ouvem a nossa voz: cantos e cuidados rituais kaiowá. *In*: OLIVEIRA, J. C. de. *et al.* (org.). **Vozes Vegetais**: diversidade, contra-domesticação, feminismo e histórias da floresta. São Paulo: UBU, 2020. p.301-312.

LATOUR, B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré- crise**. Tradução de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Ed. N-1, 2020. (Série Pandemia Crítica 008). Disponível em: http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.

MUMBUCA, A. **O voo das abelhas da terra**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020. (Caderno de Leituras, n.117, Série Intempestiva). Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno117/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PRIMAVESI, A. M. **A Convenção Dos Ventos**: Agroecologia em Contos. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

SAUTCHUK, C. E. Os antropólogos e a domesticação. Derivações de ressurgências de um conceito. *In*: SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (org.). **Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2018. p. 85-108. Disponível em: www.academia.edu/37068586/Os_antrop%C3%B3logos_e_a_domestica%C3%A7%C3%A3o_deriva%C3%A7%C3%B5es_e_ressurg%C3%A2ncias_de_um_conceito_In_Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_. Acesso em: 08 mar. 2021.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, A. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. Nine provocations for the study of domestication. *In*: SWANSON, H. A.; LIEN, M. E.; WEEN, G. B. (org.). **Domestication gone wild**: politics and practices of multispecies relations. Durham: Duke University Press, 2018. p. 231-251.

VAN DOOREN, T. Wild Seed, Domesticated Seed: Companion species and the emergence of agriculture. **Philosophy, Activism, Nature**, Clayton, Austrália, v. 9, p. 22-28, 2012. Disponível em: https://bridges.monash.edu/articles/journal_contribution/Wild_seed_domestic_seed_companion_species_and_the_emergence_of_agriculture/4308413/1. Acesso em: 07 mar. 2021.

*As espadas-de-ogum que sonham onças-fantasma: ou
habitabilidades de resposta, enraizamentos conceituais*

VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Tradução de Susana Oliveira Dias. **Clima Com Cultura Científica**, Campinas, ano 3, n. 7, p. 39-66, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atentividade/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

Recebido em: 04 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 16 de maio de 2022